

História de vida e sonhos de uma estudante periférica: da sobrevivência à alteridade

Life story and dreams of a peripheral student: from survival to alterity

Daniela Alves Soares¹

Resumo: Esse texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado concluída, que investigava os sonhos de adolescentes em desvantagem social e os espaços para sonhar na escola e nas aulas de matemática, tendo como inspirações metodológicas a história de vida e história oral. Particularmente nesse trabalho, objetivamos realizar interlocuções entre a vida de uma jovem, seus sonhos e a escola, apresentando uma das entrevistas realizadas e relacionando com os conceitos de sonho, situações-limite, transcendência e alteridade. Por fim, evidenciamos como os sonhos são o combustível de transformação de vida para jovens periféricos e a importância de contar as histórias desses jovens.

Palavras-chave: Sonhos. Alteridade. História de vida. Adolescentes. Educação Matemática.

Abstract: This text is an excerpt from completed doctoral research, which investigated the dreams of socially disadvantaged adolescents and the spaces for dreaming at school and in mathematics classes, using life history and oral history as methodological inspirations. In this work in particular, we aim to establish dialogues between the life of a teenager student, her dreams and the school, presenting one of the interviews conducted and relating it to the concepts of dreams, limit situations, transcendence and alterity. Finally, we highlight how dreams are the fuel for transforming lives for young people from peripheral areas and the importance of telling these young people's stories.

Keywords: Dreams. Alterity. Life's history. Teenagers. Mathematics Education.

1 Introdução

Muito se fala sobre os sonhos da juventude. No documentário *Nunca me sonharam*, Cacau Rhoden (2017) apresenta alguns desses sonhos, de jovens estudantes de escolas públicas brasileiras. Ela entrevista muitos estudantes e se debruça a ouvir sobre suas realidades e anseios pelo futuro, tendo dado que para o jovem periférico, de escola pública, a possibilidade de sonhar já é um exercício de muita coragem.

Este documentário é um exemplo de investigação escolar, no campo artístico, sobre os sonhos de jovens periféricos. No campo acadêmico, no entanto, poucas pesquisas dedicaram-se a estudar esse tema, especialmente na educação matemática. Após uma atenta revisão literária, observamos que a temática do sonho pode ser encontrada em alguns trabalhos que envolvem a área de educação, como os trabalhos de Araújo (2009), Lopes (2010) e Gomes (2014), mas em nenhum relacionado à educação matemática. Vimos aí a lacuna de um tema que apresentava relevante importância.

Dessa forma, esse trabalho se dedica a isso. Ele fornece um recorte da minha tese de doutorado (SOARES, 2022), que teve por objetivo estudar os sonhos de estudantes brasileiros e colombianos em desvantagem social, assim como os espaços para esses sonhos na escola e nas aulas de matemática. No desenvolvimento dessa pesquisa, entrevistei 11 estudantes, perguntando-lhes sobre memórias relativas à infância e adolescência, no que se relaciona à família, à escola e às aulas de matemática. Também perguntei sobre as suas motivações, sobre

¹ Instituto Federal de São Paulo • São Roque, SP — Brasil • ✉ bemdani@gmail.com • ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4527-1184>

seus objetivos e sonhos para o futuro. Dedico esse texto a apresentar uma dessas entrevistas, tendo como objetivo apresentar interlocuções entre a história de vida e sonhos dessa estudante e o referencial teórico utilizado, tendo em vista o contexto escolar.

Essa entrevista foi realizada com a estudante colombiana de nome Martha². Quando me concedeu a entrevista, ela morava em um bairro bastante periférico da cidade de Bogotá, apontado como de estrato social um³, e estudava em uma escola pública na mesma região, cursando o 11º ano do secundário (algo equivalente ao 1º ano do Ensino Médio brasileiro).

Como referenciais metodológicos, destaco a inspiração nos métodos da história de vida e da história oral. Sob o aspecto da história de vida, os estudantes que colaboraram com a pesquisa podem ser entendidos como indivíduos singulares, que possuem compreensão própria do mundo que vivem, mas que também são reflexos de um contexto social e político. Ao mesmo tempo que representam a si mesmos, representam também anseios e trajetórias de uma sociedade (Goldenberg, 2004). Nesse sentido, esse método tem conexões com a perspectiva freiriana e crítica adotada nesse texto (e que será explicitada na próxima seção), quando evidencia que a sociedade e, por isso, o indivíduo, é formatado por influências históricas carregadas de aspectos políticos; mas também é um campo repleto de possibilidades, entendendo a história como um processo não determinado e passível de transformação.

No que diz respeito à história oral, buscou-se se expressar um olhar atento às peculiaridades do sujeito e seus contextos, compreendendo-se que “tudo que se narra oralmente é história” e que essa “é uma forma diferente de fazer história” (Santos & Araújo, 2007, p. 193). Dessa forma, entende-se que a entrevista se constitui como uma outra forma de criar história, por ter sido compartilhada de forma oral. Ao evidenciar as vidas e sonhos de estudantes em desvantagem social por meio da narrativa verbal, é dada a oportunidade de contar a história de jovens que muito provavelmente, por outros meios, não seriam conhecidas. Assim, a inspiração desse trabalho na história oral abre a possibilidade para uma prática anticolonial de visibilização de histórias não-dominantes. Por fim, entendemos que, apesar desse texto não apresentar estudos específicos no campo da sala de aula de matemática (embora seja um recorte de uma tese que estabelece essas relações), entendemos que se trata de uma temática relevante para a área, visto que o contexto de ensino e aprendizagem dos professores de matemática está completamente imbricado com a vivência dos estudantes, expectativas e seu lugar no mundo.

2 Sonhos e transcendência

O conceito de sonho, para Freire, tem grandes interlocuções com o conceito de utopia. Sobre esse último, o autor não chega a definir propriamente o conceito, e utiliza-o, muitas vezes, como sinônimo de sonho e de esperança.

Para Freire (1987), viver sem esperança é puro determinismo. E há muitos que vivem dessa forma, imobilizados pela desesperança e sucumbindo na crença em um fatalismo histórico. E por que isso acontece? Segundo Freire, é a relação de opressão que desumaniza as mulheres e homens, pois se tornam reduzidos a quase ‘coisas’. A opressão é resultado de uma

² O nome da(s) estudante(s) e as informações sobre a escola foram alterados por questões éticas.

³ Na Colômbia, os bairros das cidades são divididos em estratos, que vão do um ao seis, em ordem crescente de condições materiais. A ideia da estratificação colombiana é diferenciar o custeio aos serviços públicos, sendo que os estratos mais baixos pagam menos por esses serviços e, os mais altos, pagam mais. Um bairro pobre e periférico é classificado como estrato um, por exemplo. Esse era o caso do bairro onde se situa a escola pesquisada em Bogotá. Moradores de rua são classificados como pertencentes ao estrato zero. Para mais informações, ver Dane (2015).

ordem injusta da sociedade, cuja violência dos opressores faz dos oprimidos o ser menos, agindo com egoísmo, em busca pelo ter mais. A luta pela reconstrução da humanidade perdida pelos oprimidos se dá pelo reconhecimento de pessoas destruídas que são, e pela consciência de sua inconclusão e a religação com a natureza do ser mais (Freire, 1987).

Dessa forma, diante desses conceitos de Freire, é possível notar que os sonhos que o ser, inconcluso, planeja para si não podem ser entendidos de forma alguma como ingênuos, mas tem perspectivas políticas. O ato de sonhar pode ser entendido como um primeiro ato de resistência contra a opressão, entendendo o futuro não como algo inexorável, ou determinado. Sonhar seria um dos motores do fazer história.

Apesar da relevância que Freire dá aos sonhos, ele destaca que nem todos os sonhos são realizáveis, pois há os que são possíveis e os impossíveis. O sonho possível (ou viável) (Freire, 1982) está relacionado a uma prática de consciência e descoberta, tanto da própria vida como do mundo. Ele se dá no perceber tanto os limites do ser como os espaços livres que se apresentam por entre esses limites, que abrem caminho para fora deles, e nos quais é possível preencher-se, alcançando novos limites, mais amplos. A esses espaços livres nos quais o sonho pode ser projetado Freire chama de inédito viável.

Assim, para que os sonhos tenham um espaço de realização, Freire escreve sobre a importância do ser humano conscientizar-se das situações limites que nos circundam, para que sejam possíveis identificar inéditos viáveis. Esses, então, seriam alcançados por meio de atos limites, ou seja, ações esperançosas que possibilitem ampliar as fronteiras sociais que circundam as pessoas.

O exercício de buscar inéditos viáveis por meio da transposição de situações limite caracterizariam a transcendência, para Freire. Para Lévinas (1980), as raízes da transcendência estão no desejo de infinito. E isso se daria a partir do encontro com o mundo e com o outro. O outro é a possibilidade de encontro com o infinito, de fazer uma experiência de transcendência, que faz com que o ser humano seja mais que ele mesmo. Esse desejo não se mostra como necessidade, interessado, que vê o outro como objeto de poder; mas sim um desejo que não tem uma intenção e que não vislumbra, no outro, a possibilidade de completude, mas sim a possibilidade da pluralidade. É nisso que se constitui a alteridade, segundo Lévinas. A alteridade pode ser entendida como a capacidade de acolher o outro. Apesar do ser reconhecer que o outro é diferente de si, é pela alteridade que ela ou ele não enxerga esse outro ser como um estranho ou inimigo, mas como alguém, simplesmente outro, que carrega a ideia de infinito dentro de si, dada a sua incompletude.

A transcrição da entrevista com Martha (que tem a participação de sua amiga Claudia), detalhada na seção a seguir, revela as suas relações com o outro, consigo mesma e com a sua história. Após essa transcrição, esboçarei algumas relações entre as experiências relatadas pela estudante e os aspectos teóricos apresentados nessa seção.

3 A entrevista com Martha

Entrevistei Martha no período da manhã, já próximo ao horário do almoço. Ela estava em companhia de sua colega de classe, Claudia, que conhecera alguns meses antes. Ambas estavam alegres, vestiam o uniforme da escola, e Martha estava com presilhas no cabelo, como já costumava usar. As duas me pediram para serem entrevistadas juntas, justificando para isso a sua forte amizade, e que também poderiam se apoiar.

Para esse momento, como era de praxe, levei um suco e um pacote de cookies para ser compartilhado. Iniciei o momento agradecendo as duas por aceitarem dar a entrevista. Eis o

diálogo que ocorreu entre mim e Martha, que, eventualmente, foi entrecortado pela participação de Claudia. Comecei perguntando “quem é você?”, no que ela me respondeu:

Martha: Eu? Eu sou Martha (risos). Bem, eu tenho 15 anos, quase 16, e me considero uma pessoa extrovertida, feliz e capaz de fazer o que me proponho.

Daniela: Ok. Fale um pouco sobre sua família. Então, por exemplo, com quem você mora? Qual a profissão deles? E me conte um pouquinho da sua relação com eles.

Martha: Olha, eu acho que vou chorar... (risos). Bem, eu moro com meu pai e...

Martha começou a se emocionar. Eu disse a ela que não havia nenhum problema com isso, e que podíamos esperar um pouco, também. Aproveitei para lhe oferecer um pouco de suco e os cookies. Ambas, Martha e Claudia, ficaram muito alegres quando descobriram que o sabor dos biscoitos era chocolate. Depois de uns minutos, Martha sentiu-se mais segura e resolveu continuar a contar sua história.

Martha: Bem, eu moro com meu pai, sozinho em casa. E meu pai se separou da minha mãe... oito meses atrás. Bem, eu morava com meu irmão mais novo e meu pai. Mas meu irmão... foi levado a uns quinze dias atrás pelo meu irmão mais velho. Ele estava indo mal na escola, e então ele resolveu levá-lo embora.

Daniela: Não entendi bem. Ah... Sua mãe levou seu irmão?

Martha: Então, esse irmão tem 10 anos. E agora meu pai só tem a mim. (soluços). É por isso que agora moro com meu pai. Meu pai tinha uma doença que lhe causou câncer de pele.

Daniela: Me fala um pouco mais sobre isso.

Martha: Então, por causa da doença, ele não consegue um emprego em nada. Eu me dou muito bem com meu pai, porque ele é a única pessoa que me apoia.

Daniela: Então você escolheu morar com seu pai, é isso? Para apoiá-lo? Ou para ele te apoiar?

Nesse momento, vendo a emoção de Martha, Claudia resolveu ajudar a amiga na resposta. Ela disse que Martha sente que seu pai é seu único apoio, e também ela o ajuda a progredir. Curiosa para entender melhor essa história, continuei:

Daniela: E desde quando você mora com seu pai?

Martha: Hum... Moro com ele há cinco meses. Em dezembro eu estava morando com minha mãe, mas meu relacionamento com ela não é muito bom. Bem, ela também me apoia e tal, mas às vezes eu sinto como se eu não pudesse chegar em casa e dizer a ela “mãe, isso aconteceu comigo” e tal...

Daniela: Então você não tem vontade de contar coisas para sua mãe...

Martha: Isso, não me sinto bem contando minhas coisas para ela. Já hoje em dia, eu chego em casa e conto o que aconteceu comigo naquele dia para o meu pai, e ele me escuta. Por outro lado, quando eu faço isso com minha mãe, ela me põe para trabalhar e me diz “não tenho tempo, depois conversamos”. Eu me sentia sozinha. Então, em um certo dia, minha mãe foi embora. Acabou o trabalho dela aqui e ela foi morar com meu irmão mais velho em Caquetá. Fica perto da Amazônia.

Daniela: Nossa, entendi. E o que faz seu irmão lá?

Martha: Ele tem umas terras. Ele administra uma fazenda. Então, ele pediu para ela ir embora para lá, se ela não tivesse mais um emprego aqui. E ela pediu para ele que a gente fosse

junto. Mas, para nos ajudar, ele disse que era melhor não. Porque, enfim, o que eu iria fazer lá? Eu não ia conseguir estudar nem nada e, eu queria estudar e seguir minha vida. Bem, minha mãe tem oito filhos, contando comigo. Então, meu irmão mais novo e eu somos os mais jovens. Eu disse a ela que queria seguir em frente, para mostrar para ela que, se os meus irmãos não conseguiram ter uma profissão e seguir em frente com vida, pelo menos eu poderia. Então a minha mãe se mudou para lá ... e acabou arrumando um marido.

Martha continuou a história, dizendo que não gosta muito do padrasto, que tem medo de ele não ser uma boa companhia para a mãe, mas que não fala isso para ela por não querer chateá-la. Martha contou também a respeito de um problema de saúde sério que ela teve a alguns meses atrás. Segundo a jovem, foi seu pai que, mesmo com a saúde debilitada, cuidou dela, junto com uma meia-irmã (irmã somente por parte de pai). Ela relatou que a mãe, a princípio, não estava se importando e que, quando veio a Bogotá visitar a filha, não lhe deu muita atenção. Ainda assim, a jovem complementou:

Martha: Eu gosto muito dela, porque ela é minha mãe e, bem, basicamente ela também tem sido um apoio para mim. Mas hoje em dia, depois de tudo que aconteceu comigo... eu me decepcionei. E eu não gosto do fato de ela não ter uma fonte de renda.

Daniela: Ela não está trabalhando?

Martha: Não. Quem trabalha é meu padrasto. Bom, ela me perguntou se eu não queria ir morar com ela. Eu respondi dizendo que não.

Daniela: Deixe-me te perguntar uma coisa. Se o seu pai não pode trabalhar, como ele tem pago as contas da casa?

Martha: É que ... nós não pagamos aluguel. E o meu pai já trabalhou com o dono da casa que a gente mora. É uma casa bem grande. Quer dizer, agora meu pai está trabalhando para ele de alguma forma, com marcenaria. E lá a gente só paga a luz e o gás, porque a água não é paga.

A conversa estava bem tensa, Martha estava muito emocionada. Aproveitei para fazer uma pequena pausa, oferecendo mais uns biscoitos para a entrevistada, com a intenção de acalmá-la. Após essa conversa inicial, prossegui com as perguntas da entrevista, já tendo em mente bastante do contexto familiar de Martha. Perguntei-lhe sobre sua infância e pré-adolescência, pedindo para que me relatasse memórias importantes, podendo ser boas ou não. Seguem as suas respostas:

Martha: Bem, minha infância foi linda, mas... tem um lado que foi horrível. Porque, bem, um cara tentou abusar de mim.

Daniela: Quem?

Martha: Um parente da minha mãe. Por esse motivo que eu não estou próxima da família da minha mãe. Não quero estar perto desse homem. Quando eu tinha sete anos, meu pai trabalhava e minha mãe também. E então eles deixaram que esse homem começasse a me buscar na escola. Bem, antes disso acontecer, eu gostava muito dele, porque era ele quem mais me fazia companhia. E bem, nunca tinha acontecido algo assim antes...

As declarações de Martha estavam um pouco confusas, e confirmei se tinha entendido bem algumas informações antes de continuar. Depois de tudo acertado, ela continuou a contar sua história:

Martha: Então, esse homem era basicamente outro pai para mim. Mas até que um dia... Minha mãe me ligou, pedindo para levar algumas coisas para a casa dele. Então, eu fui, entrei na casa dele e... ele estava de toalha e... Então, minha sorte foi que um pouco depois, chegou

um outro parente da família e me salvou. Se não tivesse sido por ele, esse homem teria abusado de mim. Então, eu comecei a chorar quando cheguei em casa. Eu disse, “às vezes as aparências enganam”. Então, quando minha mãe chegou em casa, eu contei a ela, mas minha mãe nunca acreditou em mim! Bem, isso foi até recentemente, cerca de um ano atrás... quando esse homem se separou. A ex-esposa dele entrou com uma ação, dizendo que era abusada por ele também. E outra mulher da família acabou dizendo que aconteceu o mesmo com ela. Aí, neste momento em que minha mãe soube de tudo isso, eu aproveitei para dizer a ela que eu não era uma mentirosa. Porque eu nunca conto mentiras. No julgamento, ela me pediu perdão e as coisas permaneceram assim. Isso tudo aconteceu quando morávamos em Bosa. Meu pai e minha mãe ainda estavam juntos, mas ele nunca soube dessa história.

Daniela: Ah, não? E por quê?

Martha: Porque, bem, eu conheço meu pai, porque sou filha única e sei como ele vai reagir. Bem, quando mudamos aqui para esse bairro, as coisas mudaram e tentei esquecer isso. Mas não era mais a mesma coisa porque, por exemplo, eu ia sair com meus amigos e então eles me abraçavam e eu meio que... estava traumatizada. Mas uma prima minha, que estava estudando para fazer psicologia, foi quem me ajudou a superar isso. Bem, depois eu tive um namorado, uns três anos atrás, e na época eu ainda estava assustada quando ele vinha me abraçar. Mas agora...

Daniela: como estão as coisas agora?

Martha: Eu já estou melhor. Está tudo normal.

Obviamente, fiquei bastante impactada com a história contada pela Martha. No entanto, depois de contá-la, ela seguiu com a entrevista normalmente, relatando outras histórias da sua vida.

Marta: Bem, e falando agora, então, de pré-adolescência, foi uma fase linda. Mesmo com meus pais separados, quando eu fiz 15 anos, fizemos uma festa, e foi muito legal ver os dois bem, mesmo não sendo um casal mais. E foi legal também, porque vi todos os meus irmãos juntos. Só faltou um na verdade, ele tem 21 anos, e é justo aquele por quem eu mais tenho carinho. Mas ele falou comigo depois e me pediu desculpas... estava trabalhando em Caquetá. Esse irmão morava conosco também, até um ano atrás. Então, esse foi o primeiro aniversário que não passamos juntos.

Daniela: Com o que ele trabalha?

Martha: Ele trabalha em uma fazenda, dá comida para os animais, para as vacas e outras coisas. Colhe milho e café também.

Neste momento, Martha lembrou-se do seu irmão mais novo, que não mora mais com ela, e se emocionou novamente. Claudia, sua amiga, me explicou que ele ainda mora em Bogotá, só que na casa de um irmão mais velho. Relatou que ela sente muita falta dele, mas que apesar disso, eles se veem todos os dias, porque ele estuda na mesma escola que Martha. Depois disso, Martha voltou a explicar sobre a relação com o irmão de 21 anos:

Martha: Quando ele saiu de casa, ele me disse que não ia embora porque ele queria, mas sim porque precisava trabalhar. Ele disse que sabia que eu ia ser “alguém”, e disse que queria me dar um futuro, já que ele não ia ter mais. Então, eu falei para ele que ele teria futuro sim, porque era muito novo, inteligente... mas ele falou que não daria certo. Então eu disse para ele, “se você não tentar, você não pode dizer que não deu certo”. E tudo isso que conversamos entrou nele por um ouvido e saiu pelo outro. Mas aí ele me disse, “eu sei que você, sim, você vai conseguir”, e “eu vou te ajudar e você vai calar a boca dos outros”.

Daniela: Por que ele te disse isso?

Martha: Ele me disse que todo mundo falava que eu não fazia nada. Que eu tinha acabado de fazer 15 anos, tinha namorado e que já ia engravidar. Porque minhas irmãs, na minha idade, já tinham um filho cada uma. Então, por causa disso é que eu quero crescer na vida e ajudá-los, porque sei que posso fazer isso. E eu vou fazer isso.

Após essa conversa sobre família, introduzi um assunto mais leve, e decidimos conversar sobre hobbies. Claudia, que é venezuelana, respondeu que gosta de moda, de cozinhar, e Martha aproveitou para dizer que a amiga cozinha muito bem, e que a culinária venezuelana é bem gostosa. Esse tema será importante mais para adiante na entrevista. Chegou, então, a vez de Martha responder à pergunta sobre hobbies e, em seguida, sobre escola.

Martha: Bem, eu gosto muito de salão. Eu sei fazer basicamente todas as coisas de cabeleireiro. Ah, e eu também gosto muito de futebol. Há dois anos tive uma lesão no joelho, então eu não consigo mais jogar muito. Mas antes, eu jogava dia e noite. Quando eu me sentia triste, entediada, a primeira coisa que eu fazia era pegar uma bola e sair jogando. Isso meio que me ajuda a esquecer os problemas e me faz sentir eu mesma.

Daniela: Hum... Interessante! Bem, vamos falar sobre escola agora. Eu quero que você me fale sobre as escolas que você estudou no passado. Que escolas eram? Onde? Você gostava de ir para a escola? E os professores, como eram?

Martha: Bem, eu estudei em três escolas [antes dessa]. A primeira foi da pré-escola até o quarto ano. Ela ficava em Bosa. Eu gostava de estudar lá, porque ela era muito grande, maior que essa escola aqui. Então, eu gostei porque havia muitas coisas que podiam me interessar, e todos os dias eu acordava e queria ir estudar, porque sabia que aprenderia algo novo e que ia gostar. Mesmo que eu estivesse doente ou estivesse chovendo, eu queria ir. Eu sou uma pessoa que, mesmo que eu não goste de uma coisa, eu vou lá, estudo e aprendo. Eu penso que isso vai me ajudar pelo menos de alguma forma, sabe. Eu também gostei muito dos professores de lá. E como dizem, a escola é a segunda casa da gente, né. Ficamos muitas horas... Eu me sentia muito bem lá, participava de campeonatos, mesmo os colegas me dizendo para eu não jogar porque eu era muito ruim (risos). Aí, do 4º ao 9º ano eu estudei nesse outro colégio que tem aqui no bairro. Lá é uma escola pequena, mas isso dava uma sensação boa. Os professores estavam sempre dispostos a explicar mais para quem não tinha entendido. Se fosse preciso, explicavam por mais meia hora. Aí me sentia bem, porque via que alguns alunos falavam "ah não, agora é a aula de matemática ... ah, aquele professor". E eu dizia, "calma, se você nunca vê o lado bom das coisas, você sempre irá para o lado ruim". Bom aí, no começo desse ano eu estava morando com a minha mãe e fui estudar em outra escola, que também é supergrande. E bem, foi muito legal. O pouco que fiquei lá, tipo ... 5 meses ... foi muito legal. Porque os professores também eram ótimos e, na forma de explicar; a gente entendia mais fácil. E aí nessa escola aqui, eu só estou há três meses. E posso dizer que sim, gostei.

Daniela: E como é a sua relação com os professores daqui?

Martha: Boa, muito boa.

Após essas respostas, as amigas começaram a me contar problemas que tiveram com outras amigas no colégio. Aproveitei para consultar se o celular continuava gravando nossa conversa. Minutos depois, demos prosseguimento a entrevista. Perguntei-lhe se já realizou algum curso profissionalizante. Eis os detalhes da sua resposta:

Martha: Onde eu estudei, havia o curso de recreação comunitária. Se você não sabe do que se trata, parece sem graça, mas quando eu entrei no curso, eu achei muito legal porque,

realmente, é tudo que envolve recreação. A gente via muitas atividades, saíamos para as escolas com as crianças, fazíamos festas, brincadeiras, nos fantasiávamos de criança, de palhaço, coisas assim. Ou seja, era muita coisa com crianças, e isso é muito melhor do que ficar sentado na frente do computador, porque você se sente livre.

Daniela: Entendi, Martha. Eu quero começar o assunto de sonhos, mas antes quero que diga: o que te move, te faz seguir em frente, e superar as dificuldades?

Martha: Primeiro, Deus. Segundo, meu pai. Por ele eu faço tudo, por ele eu quero lutar e ser capaz de tudo. Quero que, no futuro, ele esteja bem. Por exemplo, esse negócio de trabalhar doente, eu não gosto nada disso, porque tenho medo da doença ficar pior. E isso aconteceu a dois anos atrás, quando ele fez uma operação, e foi tudo muito difícil. Eu quase repeti de ano por ficar direto no hospital. Mas assim, outra coisa que me faz seguir em frente, são as outras pessoas. Mesmo que elas não confiem em mim, que digam que eu não posso, que algo não é para mim e tal elas, na verdade, me estimulam o contrário. Quer dizer, elas me empurram para que eu faça o que eu quiser, que eu ponha na cabeça que vou conseguir sim. E se essas pessoas me fazem cair, eu mesma me levanto.

A amiga Claudia disse que pensava da mesma forma, e as duas começaram a rir muito depois desse diálogo, talvez por um certo constrangimento com a situação. Chegou o momento de conversar sobre sonhos. Antes de apresentar o diálogo que ocorreu na entrevista, é importante dizer que as duas, Martha e Claudia já haviam me dito, em outra oportunidade, que pretendiam abrir uma empresa junto com uma terceira amiga da sala, a Isabel. Pelo que eu havia entendido, a empresa seria ou de moda, ou um restaurante, que teria inspiração na culinária colombiana e venezuelana. Dito isso, eis o diálogo que Martha e eu tivemos a respeito dessa temática.

Daniela: Me conte quais são os teus sonhos, todos eles.

Martha: Meu sonho é ser um grande ser humano, e muito reconhecida pela nossa empresa. Que mais para frente, falem que essa empresa foi criada pela gente, pelo nosso esforço. Outro sonho é dar tudo que meu pai precisar, que ele se sinta bem, que tenha orgulho de mim, apesar que sei que ele já sente, né. E ser uma grande empresária. Acho que em 2025 já teremos a nossa empresa. Também um outro sonho é estudar enfermagem, mas de pediatria, para trabalhar com crianças. Porque, quando eu estive no hospital, eu amei estar com as crianças, e interagir com elas. Isso me fez sentir muito bem. Quero ajudá-los, mesmo sabendo que as pessoas olhem para elas sem saber como tirar deles todos os problemas, sabe. Eu também quero que todos que me disseram que eu não era capaz, que eu não conseguiria, que eles se arrependam. Quero que pensem assim, “ela é uma garota que, tudo a que se propôs, cumpriu”.

Daniela: Certo. Pelo que entendi, você me falou de duas profissões: uma seria ligada a abrir uma empresa de moda ou um restaurante, e outra seria ser enfermeira. Em que ordem você colocaria esses sonhos?

Martha: Bem, o restaurante seria por nossa própria conta, então teríamos que ter, primeiro, um trabalho. E aí eu pensei em fazer enfermagem, e enquanto trabalho nisso, vou guardando dinheiro para a empresa. Tem uma outra coisa que eu queria ser também... você já viu essas moças que prestam serviço militar? Eu queria isso também, isso me atrai, essa coisa do comando. Eu gosto muito do exército, isso de ficar andando à cavalo e correndo, fazendo exercício, eu acho muito legal. E ano passado eu fiz 15 anos, né, e eu disse para minha mãe que gostaria de fazer isso. E não é porque o uniforme é bem bonito, não... mas é porque eu gosto da ideia de me manter ocupada, fazendo alguma coisa. Então eu disse a ela que queria ir, e ela me falou que só quando eu fizesse 16 anos e terminasse a escola eu poderia ir, antes disso, não.

Também é legal porque é possível começar uma profissão, e isso também pode ajudar a manter a nossa empresa. Então, primeiro seria enfermaria ou serviço militar, e depois a empresa, com certeza.

Daniela: Certo. Agora um exercício de imaginação. Se imagine daqui a 15 anos. Como você vai estar?

Martha: Daqui a 15 anos, me imaginaria como enfermeira, e não auxiliar de enfermaria. Já teríamos nossa própria empresa, que seria espetacular. Meu pai já estaria velhinho... mas continuaria lindo (risos). Eu já teria minhas próprias coisas, e estaria vivendo com meu pai e meu irmão mais novo. Eu estaria ajudando a ele, e a minha mãe, afinal, se ela quiser ficar comigo, eu não vou dizer não, né. Mas a ajuda seria para ela e para todos os meus irmãos que necessitarem, e não para esse homem que está com minha mãe. Bem, a gente nunca sabe, mas pode ser que eu esteja casada, com filhos, na minha própria casa. É, e quero ser muito reconhecida; um exemplo a seguir, mesmo.

Depois desses relatos, chegou a hora de encaminhar as últimas reflexões. Como era mais de meio dia, estávamos todas com muita fome e as estudantes já tinham perdido o lanche que é normalmente servido no refeitório da escola. Resolvi, então, convidar as duas para almoçarem comigo no pequeno restaurante em frente à escola. Elas aceitaram alegremente. Minutos depois, estávamos nós três comendo um delicioso frango assado com batatas e salada e, embora disfrutassem desse momento, as duas permaneciam quietinhas, envergonhadas pela situação um pouco incomum.

4 Análise da entrevista

Inicialmente, destaco o importante papel que a escola exerce na vida de Martha. Além da relação com colegas e professores serem motivo de alegria, ela demonstrou gostar de aprender coisas novas no ambiente escolar. Além disso, o curso profissionalizante em “recreação comunitária” lhe inspirou o sonho de trabalhar com crianças.

Sobre as perguntas *O que te move? O que te faz seguir em frente, superar as dificuldades?*, eu estava interessada em compreender as razões das buscas dos estudantes por algo além do seu presente; o que os levaria à transcendência, ao desejo de ser mais. O que seria esse desejo? Destaco que na resposta de Martha, ela relaciona esse tema à Deus e à família - *Primeiro, Deus. Segundo, meu pai. Por ele eu faço tudo, por ele eu quero lutar e ser capaz de tudo. Quero que, no futuro, ele esteja bem.*

No entanto, Martha também explicitou a importância do outro como uma razão que a faz seguir em frente - *Outra coisa que me faz seguir em frente são as outras pessoas. Mesmo que elas não confiem em mim, que digam que eu não posso, que algo não é para mim e tal [...] elas me empurram para que eu faça o que eu quiser [...]. E se essas pessoas me fazem cair, eu mesma me levanto.*

Quando indagada sobre seus sonhos, ou ainda como se via no futuro, Martha revelou ter muitos sonhos, e já pensou em alguns caminhos que poderia trilhar. Um deles seria o restaurante, acrescentando também outros sonhos: *o restaurante seria por nossa própria conta, então teríamos que ter, primeiro, um trabalho. E aí, eu pensei em fazer enfermaria, e enquanto trabalho nisso, vou guardando dinheiro para a empresa. [...] Meu sonho é ser uma grande pessoa, e muito reconhecida pela nossa empresa. [...] Também um outro sonho é estudar enfermaria, mas de pediatria, para trabalhar com crianças. [...] Outro sonho é dar tudo que meu pai precisar, que ele se sinta bem, que tenha orgulho de mim. [...] Tem uma outra coisa que eu queria ser também... [prestar] serviço militar.*

Quanto às carreiras, ela quis dizer que seguiria primeiro um desses caminhos, o da enfermaria ou do serviço militar para, depois disso, ter condições financeiras de montar a própria empresa, o restaurante. Nesse sentido, ela demonstra ter consciência de que um dos grandes mediadores para a realização de sonhos (mas obviamente, não o único), é o recurso financeiro. Assim, não é por acaso que a ela pretende, primeiramente, angariar fundos com profissões que possam lhe garantir alguma renda para poder abrir um restaurante: é legal [o serviço militar] porque é possível começar uma carreira, e isso também pode ajudar a manter a nossa empresa. Assim, ela vê no serviço militar uma forma garantida de ter uma renda que a sustente. Preocupações como essas fazem parte da realidade de jovens em desvantagem social e, sem dúvida, interferem nos seus planos de futuro. É o que Freire chama de sonhos possíveis (FREIRE, 2004; 2014).

Diante disso, reflito novamente que a falta de recursos financeiros interfere diretamente nos sonhos dos estudantes, e para um jovem que tivesse os recursos financeiros proporcionados pela família, essa não seria uma preocupação. Neste caso, as perspectivas futuras estariam mais repletas de possibilidades e, muito provavelmente, novos sonhos poderiam ser gerados e realizados com mais facilidade.

Experiências desafiadoras podem levar a caminhos obstruídos, mas com o tempo, podem ser ressignificadas. Nesse sentido, Martha revelou que trabalhar em enfermaria com crianças seria um de seus sonhos, justificando explicitamente uma das razões: ela havia ficado internada em um hospital para uma cirurgia meses antes da entrevista, e essa experiência despertou-lhe o desejo de trabalhar como enfermeira. Além disso, outro acontecimento traumático que impactou seu background, e que pode ter relação com esse sonho, é o fato de ela ter sofrido uma (tentativa de) abuso sexual na sua infância. Durante a entrevista ela contou-me esse incidente da sua vida em detalhes e com muita tristeza e, ao mesmo tempo, revelou o carinho que tem por crianças em diversos momentos da conversa.

Nesse sentido, é possível evidenciar que a doença do pai, o julgamento da família, as dificuldades financeiras e os problemas de saúde enfrentados pela estudante constituíram-se como situações-limites vivenciadas por ela, tal como evidenciou Freire. No entanto, por meio da ressignificação dessas situações – não diminuindo o impacto dessas experiências, mas sim, evidenciando o esforço de Martha – percebemos que conseguiu contorná-las e construir inéditos viáveis. Inclusive essas experiências permitiram que ela gerasse alguns sonhos, os sonhos possíveis – como querer ser enfermeira ou abrir um restaurante.

É possível compreender, também, que sonhos podem estar ligados a desejos de se fazer justiça social, pensando no conceito de justiça social abordados por Rawls (2003) e Silva (2016). E, nesse sentido, as experiências presentes no background das jovens direcionaram seus sonhos para irem ao encontro desses desejos. Indo um pouco mais além, sonhos podem revelar desejos de transformação social e política. E naturalmente, a raiz do desejo de fazer justiça social é a empatia e a identificação com o outro, que se estabelece por meio da relação de transcendência, promovida pela alteridade, como evidencia Lévinas.

Dessa forma, é possível identificar, por meio do depoimento de Martha, que existe grande preocupação com a vulnerabilidade de crianças. Ela expressou um sonho de trabalhar com crianças, e percebo aí uma relação de alteridade, se expressando por meio dos desejos de responsabilidade e justiça. É a vulnerabilidade do outro que inspira nela o desejo de responsabilidade; é a vulnerabilidade das crianças que lhe inspira o desejo de justiça. A condição de estar em desvantagem social de Martha a coloca diretamente em posição de vulnerabilidade tal como o outro, sem que precise decidir se colocar nessa posição ou não para experimentar o mundo. Muito pelo contrário, o mundo a colocou nessa condição, e só lhe

restaram viver nessa condição e, com ela, construir sonhos. Diante disso, mais uma vez reitero a importância do sonho para o ser em desvantagem social, visto que a sua vulnerabilidade social é advinda das amarras da opressão, e sonhar representaria um desejo de relacionar-se com o mundo apesar disso, tomando para si a ideia de infinito que lhe habita.

5 Considerações finais

Comecei essa pesquisa buscando sonhos em pessoas, e acabei por encontrar pessoas em sonhos. Assim, acima de tudo, vejo essa pesquisa como um trabalho sobre gente, sobre jovens. Que jovens, meus senhores! Quanta verdade, força e boniteza em cada um deles. Definitivamente, a vida urge e ela é maior do que qualquer explicação, razão ou entendimento; a vida simplesmente é. E esses jovens, e particularmente Martha são, e muito.

Como pesquisadora, minha missão foi desafiadora: para além de me enebriar com as suas histórias, eu precisava distanciar-me e encontrar os caminhos para a reflexão. E para tanto, ampliei a compreensão sobre os conceitos de sonho possível, situação-limite e inédito viável. Descrevi que a formulação do sonho possível é resultado de um processo de descoberta e consciência do ser e seu lugar no mundo, que se daria no movimento de identificação dos limites assim como dos espaços livres entre eles, onde se poderiam produzir os inéditos viáveis. Os inéditos viáveis foram entendidos como os sonhos possíveis, que se tornariam cada vez mais amplos como resultado do movimento de busca do ser. É visível, nas narrativas de Martha, a construção dos sonhos possíveis acontecendo.

Também percebi nas falas dos estudantes preocupações com justiça social que influenciavam seus sonhos, mas também preocupações com o bem-estar da família e de grupos sociais. E para além dessas preocupações, marcou a presença de sonhos relacionados ao próprio bem-estar dos estudantes, às suas próprias metas, e às suas imaginações e prazeres. Concluí, então, que todos esses sonhos são legítimos, importantes, e que tem papel fundamental no movimento de reumanização dos jovens em desvantagem social.

Além disso, como pesquisadora e professora de matemática, entrevistar esses estudantes, e com isso ouvir suas histórias e sonhos me fizeram perceber tantas coisas que influenciam as aulas de matemática sem que ao menos eu me desse conta. Assim, o lugar que os estudantes ocupam no mundo e suas projeções para o futuro influenciam a forma como elas e eles se colocam na escola e nas aulas de matemática. Influenciam as suas intencionalidades e motivos para aprender.

Na entrevista de Martha, por exemplo, destacam-se sonhos como oportunidade de ter uma renda e carreira profissional. E para esse ponto, o papel da escola será decisivo. Mas Martha também apresenta sonhos como imaginação e para o disfrute da vida, para realização de si, da família, assim como sonhos para o outro, pautados no desejo de se fazer justiça social. Dessa forma, os sonhos da estudante e de jovens em desvantagem social em geral, foram categorizados em sonhos como necessidade, oportunidade, alteridade e fruição. Mais detalhes sobre essas categorias estão disponíveis em Soares (2024). Em outra parte da entrevista, Martha e os demais estudantes dialogam sobre os espaços que a escola e, particularmente, as aulas de matemática, possibilitam para os sonhos dos jovens. Pode ser lido mais sobre esse tema em Soares (2023).

Por fim, percebe-se também, que os sonhos de Martha não podem ser desvinculados de sua esperança com a própria vida. Apesar de identificar situações-limite, ela estuda essas situações, planeja, e traça sonhos possíveis. Martha revela compreender que sua história de vida está embebida de contextos vivenciados por ela, por sua família, pelo seu lugar no mundo. Ainda assim, permite-se viver e superar-se, planeja construir o seu espaço, ser reconhecida

como ser humano e, assim, poder contar a sua história. Adiciono que, por meio dessa entrevista, sua história já começou a ser contada. Que a história de outra Martha's possam, também, ser contadas por aí.

Referências

- Dane (Departamento Administrativo Nacional de Estadística). (2020). *Estratificación socioeconómica para servicios públicos domiciliarios*. Colômbia, 2015. Disponível em: <https://www.dane.gov.co/index.php/servicios-al-ciudadano/servicios-informacion/estratificacion-socioeconomica>. Acesso em: 05 jul.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (1982). Educação: o sonho possível. In: Brandão, C. R. at al. *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia da tolerância*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Freire, P. (2014). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8º. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Lévinas, E. (1980). *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
- Rawls, J. (2003). *Justiça como equidade: uma reformulação*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Rhoden, C. (2017). *Nunca me sonharam*. Direção: Cacau Rhoden. Maria Farinha Filmes. Disponível em: < <https://archive.org/details/NuncaMeSonharam> >. Acesso em: 19 out 2021.
- Santos, S. M. dos; Araújo, O. R. de. (2007). História oral: vozes, narrativas e textos. *Cadernos de História da Educação*, n. 6, jan./dez.
- Silva, G. H. G. da. (2016). Equidade e educação matemática. *Educação Matemática em Pesquisa*, São Paulo, 18(1), 397-420.
- Soares, D. A. (2022). *Sonhos de adolescentes em desvantagem social: vida, escola e educação matemática*. Tese (doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Soares, D. A. (2023). Espaços para sonhos nas aulas de matemática: problematizações e possibilidades. *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 162-189.
- Soares, D. A. (2024). Como nascem os sonhos de jovens em desvantagem social? *Bolema*, Rio Claro (SP). Em fase de pré-publicação.